



POR MARCELO CASTELLI
PRESIDENTE DA FIBRIA

PERSPECTIVAS E OPORTUNIDADES PARA A INDÚSTRIA DE CELULOSE

A busca por uma economia verde, inserida no contexto de baixas emissões de carbono e alinhada à preocupação global com as mudanças climáticas, abrirá um leque de oportunidades para o oferecimento de serviços ecossistêmicos

O setor brasileiro de celulose é, há anos, fonte de boas notícias para o País. Os investimentos têm sido constantes, gerando empregos e desenvolvimento social, econômico e de qualidade de vida. Nossas exportações seguem para os quatro cantos do mundo, contribuindo positivamente para a nossa balança comercial. Toda essa competitividade, reconhecida internacionalmente, vem da combinação de possuímos florestas e indústrias eficientes, baseadas no que há de mais moderno em termos de manejo florestal e de tecnologias de produção, implementadas com respeito às pessoas e ao meio ambiente.

O mundo, entretanto, está mudando – de forma mais rápida e intensa do que muitos imaginavam. O que funcionou até agora poderá não dar certo amanhã. É preciso repensar a nossa competitividade no longo prazo. Gargalos e dificuldades crescem em progressão geométrica, que vão da carência da infraestrutura logística, com portos, rodovias e ferrovias aquém das necessidades da nação, ao tão falado custo Brasil, como encargos e tributos elevados, além da legislação trabalhista que se mostra, muitas vezes, ultrapassada e até mesmo antagônica à produtividade necessária ao País.

Como resiliência é parte do nosso DNA, é nossa obrigação buscar caminhos e alternativas. Temos de investir cada vez mais em inovação, seja ela disruptiva ou incremental. Ao inovarmos, ampliamos as oportunidades de atuação, de diversificação, de produtos, processos e tecnologias. Também precisamos de projetos estruturantes que melhorem o nosso ambiente de negócio. Faz-se cada vez mais necessário fortalecer a cadeia produtiva brasileira como um todo para que o ganho de competitividade tenha impacto positivo nos mais variados setores da economia e regiões geográficas, de forma a retomarmos um ritmo de crescimento sustentável e compatível com o potencial do País.

Nesse cenário, a diversificação deve ser um dos pilares da estratégia da indústria brasileira de celulose. O desenvolvimento de novos produtos, negócios e serviços vai garantir o ingresso e a sobrevivência do nosso setor às demandas da sociedade do novo milênio. Bioenergia, biocompostos e biomateriais gerados a partir das florestas plantadas já estão em desenvolvimento, tendo a sustentabilidade como premissa. A busca por uma economia verde, inserida no contexto de baixas emissões de carbono e alinhada à preocupação global com as mudanças climáticas, abrirá um leque de oportunidades para o oferecimento de serviços ecossistêmicos. Ao combinarmos tudo isso, ampliaremos a nossa inserção em diferentes cadeias globais, maximizando a necessidade do planeta por nossos produtos e soluções, que irão muito além da celulose.

E como implementar todos esses pontos?

Todas essas rotas de desenvolvimento – competitividade, inovação, produtividade e agilidade – dependem de fatores fundamentais de sustentação: EDUCAÇÃO, COLABORAÇÃO, DIÁLOGO e CONFIANÇA. Precisamos ter um modelo mental de cultura de alta performance no País e no nosso setor, capaz de formar e desenvolver o capital humano e intelectual adaptado a esse novo contexto. Desenvolver conhecimento técnico, de liderança e de gestão é fundamental. Uma rota possível e desejável é estabelecer consórcios de empresas e universidades para desenvolver a chamada plataforma de competitividade setorial. Juntos seríamos mais fortes e reduziríamos os riscos associados a essa prospecção. Nosso setor deve amadurecer no desenvolvimento de projetos de competitividade transformacionais de forma conjunta. Temos pela frente um mundo VUCA – Volatile, Uncertain, Complex and Ambiguous (volátil, incerto, complexo e ambíguo), mas, acima de tudo, cheio de oportunidades para as empresas e para os profissionais do nosso setor. ■